

# Pesquisa em Debate

**WALDOMIRO DE DEUS POR MARIO SCHENBERG**

**WALDOMIRO DE DEUS BY MARIO SCHENBERG**

**Alecsandra Matias de Oliveira**

Doutora em História da Arte pela ECA – USP. Museu de Arte Contemporânea da  
Universidade de São Paulo

**Resumo**

Aspectos da obra de Waldomiro de Deus - pintor primitivista - serão abordados para compreensão do elemento popular nas Artes Plásticas do país. Em sua trajetória artística, Waldomiro de Deus é um significativo exemplo de cultura popular em um meio urbano e dominado pela erudição. A obra desse pintor primitivista foi intensamente analisada pelo físico e crítico de arte Mario Schenberg, durante os anos de 1960 a 1980. O olhar de Schenberg permeia a reflexão em todos os momentos.

**Palavras-Chaves:** Waldomiro de Deus; Mario Schenberg; Primitivismo; Crítica de Arte

**Abstract**

Aspects of the work of Waldomiro de Deus - primitivism painter - will be addressed to understand the popular element in the Arts of the country. In his artistic trajectory, Waldomiro of God is a significant example of popular culture in an environment dominated by urban and erudition. The work of painter primitivism was intensely physical and examined by an art critic Mario Schenberg during the years 1960 to 1980. The look of Schenberg permeates the thinking at all times.

**Key Words:** Waldomiro de Deus; Mario Schenberg; Primitivism, Art Critic

Waldomiro de Deus Souza é provavelmente a maior revelação dos últimos tempos na pintura primitivista brasileira. Em menos de dois anos produziu numerosos trabalhos, notáveis pela qualidade pictórica, assim como por sua variedade. Revelou também uma personalidade artística de tipo invulgar entre os primitivos brasileiros, que promete um grande desenvolvimento futuro.

(Mario Schenberg, 1967)

Mario Schenberg é um dos pioneiros da Física Teórica brasileira, considerado por Einstein uma das pessoas mais brilhantes de sua época. Sua carreira, como crítico de arte, tem como marco inicial o primeiro catálogo da exposição de um artista que principia na pintura, nos idos de 1944: Alfredo Volpi. Essa característica de apoiar artistas iniciantes permanece por toda a obra crítica de Schenberg. Inúmeras vezes, Schenberg reconhece sua deficiente formação em arte, contudo, isso não desqualifica sua participação como incentivador em prol da arte e dos artistas que se tornam seus amigos e companheiros, fazendo parte de uma parcela importante de sua trajetória de vida.

O homem Mario Schenberg age em várias frentes, relacionando-se com a Filosofia, a Magia, as Religiões, a Política, a Fotografia, as Ciências e as Artes Plásticas. Sua personalidade é sujeita a diversos desdobramentos, assim como sua crítica de arte que não se limita a traçar parâmetros estéticos restritos ao limite da arte, mas que estabelece relações intrínsecas com toda a realidade que a cerca. Schenberg considera, de forma clássica, que a Filosofia é “mãe” de todos os modos de expressão e pensamento humanos.

Schenberg possui uma formação essencialmente científica e no exercício de seu projeto crítico há fortes indícios de análises artísticas com embasamentos puramente científicos. Essa característica pode ser considerada como um dos elementos que

transformam a crítica schenberguiana em algo singular, durante o seu período de formulação. O momento de maior produção crítica localiza-se justamente na década de 1970, quando o professor Mario Schenberg sofre perseguições políticas por parte da ditadura militar que tenta coibir a circulação de idéias diferentes de suas concepções militares. O crítico Schenberg inclui-se nessa gama de idéias pervertidas que devem ser eliminadas, pois mantém estreitas ligações com o Partido Comunista, sendo um ativo militante. No entanto, parece haver uma clara visão, por parte do crítico Mario Schenberg, que o seu papel é o de servir como intermediário entre artista, obra e público, assim como, desvendar a função social do artista que deve despertar a criatividade na sociedade na qual faz parte.

Através dessa contextualização é possível inserir a produção crítica do professor Mario Schenberg como um subsídio significativo para a compreensão da história das artes visuais no país. Porém, a crítica de Schenberg é um tema para distintas investigações. A totalidade de suas contribuições não é suficientemente divulgada, uma grande parte de sua visão estética está dispersa e permanece viva em contatos orais que manteve com uma multiplicidade de artistas e personalidades ligados ao mundo da arte, além de uma série de documentos escritos. Por essa razão, pesquisadores multiplicam esforços para divulgar suas reflexões. Este é o caso do Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes, sediado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, fundado em 1990 a partir da doação do arquivo pessoal do físico à Associação Brasileira dos Pesquisadores em Artes (ABPA). Também é o caso do pesquisador José Goldfarb que realiza tese de doutorado a partir de entrevistas realizadas com Mario Schenberg antes de sua morte em 1990.

A proposta que se põe agora busca frisar questões que envolvem a crítica de arte, o papel da crítica de arte na sociedade e a figura do crítico nesse processo histórico pelo qual passa o país, nos últimos 80 anos em que há a emergência de uma arte que se diz preocupada com a problemática de um “Brasil Moderno”. A procura sustenta-se, principalmente, no objetivo de identificar qual seria a contribuição de Mario Schenberg, como teórico da arte, nesse cenário de transformação cultural. O recorte dessa preocupação

concentra-se sobre a relação existente entre o artista e o crítico, particularmente, na relação de Schenberg e o artista plástico Waldomiro de Deus. Teria existido uma apropriação recíproca dos elementos culturais entre crítico e artista? As Artes Plásticas, dominada por aspectos elitizantes fornece espaço para o desenvolvimento de um expressar artístico com matiz popular?

Nessa perspectiva, a arte é colocada como espaço privilegiado para comunicar o não-verbal. O crítico de arte decodifica as mensagens existentes no espaço da criação (artista/obra) e comunica ao público. Constituiria, então, um processo comunicacional existente entre artista/obra/crítico/público? Nessa perspectiva, Waldomiro de Deus pode ser visto como um emissor popular relacionando-se com um público/receptor culto e “bem educado”. Enquanto que a Schenberg cabe o papel do receptor/emissor “bem educado”, pensando o caráter popular na obra o primitivista Waldomiro de Deus e de outros artistas primitivos?

Eu pinto por vocação. Vejo as coisas do meu modo e coloco nas telas. O mundo é uma fantasia e eu faço parte desta fantasia. Eu vivo para criar. O mundo de hoje obriga o artista a criar novas formas, a buscar figuras no reino da imaginação. A arte em suas formas tradicionais está no fim. E não só na pintura; na música, no cinema e também no teatro (DEUS, Waldomiro de, 1970, p. 6).

Waldomiro de Deus Souza nasce no sertão da Bahia, em uma cidade chamada Itajiba, no ano de 1944, filho de pais pobres e analfabetos. Foge de casa aos 11 anos de idade. Em um pau-de-arara, sem destino certo, para em Nanuque/MG, porém não permanece por muito tempo, segue para a cidade grande - São Paulo. Dorme, por algum tempo, nos bancos das praças. Até que encontra Manoel Pompeu, um policial militar, que o acolhe em sua casa, em Osasco/SP. No período em que está em Osasco, Waldomiro é engraxate, entregador de panfletos publicitários, além de fazer diversos pequenos serviços.

Anos mais tarde, emprega-se como jardineiro, na residência de um senhor italiano chamado Pierre Zacopé. Nessa casa, Waldomiro encontra, em um porão, tintas, guaches e pincéis. A partir desse momento, inicia suas atividades em pintura. É despedido porque pinta à noite inteira e dorme durante o dia – quando deveria estar trabalhando. Ao partir, pede autorização para levar consigo o material de pintura e os trabalhos produzidos. Leva tudo para o Viaduto do Chá e espalha seus trabalhos na rua à espera de compradores - sua primeira exposição pública.

Um turista americano compra uma tela. Neste momento, está efetuada a primeira venda do artista plástico Waldomiro de Deus. O quadro denomina-se *Enterro da Vila Ledice* e é uma releitura de uma cena vivenciada pelo pintor na infância - quando seu pai o acorda de madrugada para acompanhar o enterro de uma criança. O dinheiro da venda o ajuda a alugar um quarto e com alguns trocados compra mais telas e tintas. Alguns meses depois, o pintor expõe no Salão Paulista de Belas Artes e na Galeria Prestes Maia, recebendo sua primeira menção honrosa - lida na época pelo próprio Waldomiro - como “menção horrorosa”.

Em 1962, expõe seus desenhos na *I Feira de Folclore*, no Parque de Exposições Água Branca, na qual parte de sua produção é adquirida pelo marquês e decorador Torre Della Stiffa. Este o convida para morar em sua mansão na Av. Rebouças. Abre-se para Waldomiro de Deus o mundo das Artes Plásticas. As reuniões sociais promovidas por Della Stiffa o ajudam a conhecer pessoas importantes para sua trajetória artística. Uma delas é o crítico de arte e físico Mario Schenberg. Desse encontro surge uma grande afinidade. Schenberg passa a apoiar o trabalho do pintor primitivista. As telas de Waldomiro são submetidas à avaliação de Mario Schenberg que o incentiva e compra muitas de suas telas.

Waldomiro de Deus passa, então, num rápido piscar de olhos, da miséria aos ambientes mais requintados da alta sociedade paulista. Trava conhecimento com a família Matarazzo, o então diretor do MASP - Museu de Arte de São Paulo - Pietro Maria Bardi e sua mulher a arquiteta Lina Bo Bardi. Na década de 1960, adere ao movimento *beatnik*. Torna-se um “hippie caboclo” na concepção de Mario Schenberg. Waldomiro aluga um pequeno apartamento nas proximidades da rua Augusta e desfila pelas ruas da cidade com

uma vasta cabeleira estilo *Black Power*, roupas extravagantes (como: ternos com estampas floridas) e jeito irreverente.

No início do movimento tropicalista, os artistas, na sua maioria de origem baiana, são recebidos na casa de Waldomiro de Deus na rua Augusta. Os tropicalistas, os *hippies* e todas as tribos urbanas existentes são bem-vindos. Aquele é um lugar para falar e discutir sobre música, novas tendências artísticas, política e novos movimentos culturais. Em 1966, ocupa espaço em diversos jornais, ao perder uma aposta, que o desafia a desfilar pela rua Augusta vestido de minissaia. Algum tempo depois, volta a ser manchete, fruto de uma polêmica centrada em um novo quadro de sua autoria. O quadro retrata Nossa Senhora de botas e cinta-liga (*A Virgem Honrosa*). A tela provoca forte reação da Igreja e de setores tradicionais da sociedade. Os que se sentem afrontados protestam, realizando uma procissão em frente à galeria, onde Waldomiro expunha. Outro quadro, *Jesus de Bermuda*, rende-lhe um seqüestro efetuado por membros da TFP (Tradição, Família e Propriedade). A atitude desafiadora de Waldomiro dá-lhe notoriedade, mas também lhe oferece represálias. O pintor primitivo não é adestrado para responder corretamente aos códigos da cultura dominante e de elite, por isso quando os representantes dessa cultura veem seus valores ameaçados ocorrem respostas agressivas e imediatas.

Assustado com as freqüentes represálias, Waldomiro decide ir para a Europa. Comunica a decisão a seu amigo Mario Schenberg que o recomenda a sua filha Ana Clara Schenberg, na época morando em Paris. Na cidade de Paris, mora na Vila Sacré e convive com Geraldo Vandré, músico e compositor que, por motivos políticos, também teve que deixar o Brasil. Consegue a primeira exposição em Paris na galeria Antoinette, em 1969. Apresentado pelo crítico de arte Anatole Jakowsky. Na abertura da mostra, recebe a visita de Salvador Dali e dias depois de Brigitte Bardot que adquiri dois quadros seus.

Após a experiência européia, segue para Israel, morar em um *kibuts* por um ano. A partir daí, realiza várias exposições em diversos países, como: Iugoslávia, Rússia, Itália, França, e muitos outros. É uma longa permanência no exterior. Ao retornar ao Brasil, casa-se com Maria de Lourdes da Hora de Deus e com ela têm três filhos (2). Seu casamento com Maria de Lourdes em 1976, chega a causar preocupações em alguns de seus

admiradores e colecionadores. O conceituado crítico de arte Jos Luyten, por exemplo, manifesta seu temor por uma possível queda na produção artística. O matrimônio, contrariando as expectativas, acrescenta um novo significado a obra do artista que se desdobra em diversas temáticas.

Seus primeiros trabalhos retratam o mundo rural, pois vindo do sertão baiano (do mundo agrícola) são essas reminiscências que povoam as suas telas. O material utilizado é, basicamente, guache sobre cartolina. A infância nas terras baianas está retratada em trabalhos como: “A tropa”, 1976; “O Jerico”, s/d; “Entardecer no Sertão”, 1982; “Brincando de Roda”, 1982; “O Pastoreiro”, 1982; “A Fuga para São Paulo”, 1982, e “Pulando Corda”, 1982. É importante assinalar que as tropas de burros ainda fazem, no interior do sertão baiano, norte e nordeste, o transporte de água, lenha, areia, pedra, mandioca e notícias, constituindo-se no mais importante meio de comunicação e circulação de informações do sertanista. São essas tropas que estão em destaque na obra de Waldomiro de Deus, pois se tornam tema corrente em sua trajetória artística.

Waldomiro pinta astronautas caboclos ou pardos - visivelmente baianos - em foguetes ultramodernos. Em suas telas mostra visões cósmicas e convida a uma viagem para outros planetas, realizando, assim, uma transposição do universo migrante para o mundo dos elementos urbanos. O material empregado, nessa fase, é o óleo sobre tela. As obras mais conhecidas são: “Choque em Júpiter”, s/d e “Um passeio na Via Láctea”, s/d.

A temática religiosa é significativa no repertório de Waldomiro de Deus. Ele pinta figuras da atualidade colocadas ao lado de imagens santas. Cristo descendo da cruz já foi retratado por muitos artistas e de múltiplas formas, Waldomiro acrescenta-lhe bermudas. A Virgem Maria surgiu, na obra do pintor, vestindo uma minissaia, cinturão e botas. Para ele, não há a sacralidade hipócrita, os santos são tidos como indivíduos do cotidiano.

Busco inspirações nas coisas do além e, a cada coisa que pinto, procuro trazer Deus para mais perto de mim, mas não o Deus que as igrejas pregam, pois as igrejas destroem o nome de Deus. Para mim, Deus é um amor muito grande e pode-se



buscá-lo a qualquer momento, que ele está de braços abertos.  
(DEUS, Waldomiro de, 1967).

O mesmo modo dessacralizador é empregado com relação à figura do diabo. Waldomiro acha que existem demônios e estes regem setores do mundo humano, cabe aos homens a escolha entre o Bem e o Mal. A educação evangélico-protestante oferecida por seu padrasto, em Osasco, durante parte de sua infância marcou profundamente seu imaginário que adquiriu características maniqueístas. O contato com a morte também é traço característico de sua obra. O pintor tem a opinião de que a morte iguala a todos. Influenciado por essa idéia, durante certo tempo, dormiu em um caixão. As principais obras dessa fase são: “Virgem Maria de minissaia”, 1966; “Jesus de Bermudas”, 1966; “Colheita de Homens”, 1973; “Parábola do Samaritano”, 1973; “Reino Mesquinho”, s/d e, “Crente da Língua Satânica”, s/d.

Na temática urbana, Waldomiro de Deus aborda as condições da vida nos subúrbios, como: a violência; a corrupção política; o desemprego e outros temas que afligem o dia-a-dia das classes subalternas. Um desses exemplos foi quando o pintor retratou em “O Trem Fantasma” (1983) o cotidiano dos trens suburbanos que serviam a região oeste da Grande São Paulo - verdadeiros conglomerados de ferros sujos e enferrujados, transportando milhares de pessoas e colocando vidas humanas em risco, ou, ainda, em “Amor Violento no Matagal” (1983) quando a violência sexual passou a ser fato comum nas delegacias e em notícias de jornais.

Waldomiro de Deus também realiza uma crítica ao cenário político nacional com quadros como “A Dívida”, s/d; “Um voto por 20 reais”, 1995; “Segura este monstro da Inflação”, 1995; “Custo de Vida”, s/d; “Desemprego”, s/d, e muitos outros. Assinala-se que a temática política surge na obra de Waldomiro de Deus, somente na década de 1990 e não quando o artista tem contato próximo ao crítico de arte Mario Schenberg. Em recortes de jornais, durante a década de 1980, observa-se que Waldomiro de Deus mantém contatos com políticos como: Francisco Rossi e até mesmo o ex-presidente João Batista Figueiredo

que o visita numa de suas exposições. Pelo visto as tendências políticas de Mario Schenberg não influenciam em nada o artista.

A linha reflexiva adotada por um crítico de arte é o elemento que irá nortear as suas escolhas com relação aos artistas e aos movimentos determinados para suas análises. Ao selecionar Waldomiro de Deus entre o universo de artistas que dispõe, em sua época, Mario Schenberg está privilegiando a expressão artística baseada na intuição e na criatividade - um modo de comunicar as sensações de jeito simples e ingênuo, sem a influência do fazer artístico acadêmico.

A interação entre crítico de arte e artista, na relação existente entre Mario Schenberg e Waldomiro, é intensa. Nos vários depoimentos, o artista sempre enfatiza a influência do crítico em sua carreira -, ora como incentivador, ora como mecenas. Schenberg o considera a maior revelação entre os primitivistas brasileiros. Reconhece em Waldomiro um desenhista de suprema originalidade, pois este pinta as causas nas quais acredita.

Na concepção schenberguiana, os personagens de Waldomiro são irrealis e possuem a magia de viver para o mundo concreto com a mesma intensidade que existem em seu mundo íntimo repleto de misticismo. Ainda sob o olhar de Schenberg, o pintor possui uma personalidade pictórica singular entre os primitivistas, pois Waldomiro de Deus é um “colorista excepcional” e possuidor de uma grande variedade de temas. A “modernidade” é uma constante em seus quadros o que o destaca dos demais pintores primitivos de origem rural.

Todo um universo popular está presente na obra de Waldomiro de Deus, pois este apresenta temas astronáuticos (“o pintor dos foguetes”), da vida interiorana da Bahia e na metrópole paulistana, temas sobrenaturais, com religiosidade violenta e com marcas escatológicas apocalípticas. Evocações entre o Bem e o Mal. O radicalismo protestante limpando as máculas dos demônios. Pinta figuras celestiais e demoníacas, estabelecendo associações entre homens, anjos, santos e demônios. Com seu temperamento profético, funde escatologia apocalíptica com interesse pelas viagens interplanetárias. De um modo bem humorado, ilustra o seu cotidiano; a violência; a política de seu país e, as condições de

sobrevivência da classe social de sua origem. Sua arte é simples, mas é o seu modo de comunicar-se com o mundo. Essa comunicação rebelde, própria das classes populares, possui seus momentos de encantamento (quando o pintor é introduzido no circuito das Artes Plásticas), mas também possui momentos de incompreensão dos códigos culturais das camadas dominantes (quando ocorre o seqüestro do pintor por membros da TFP).

Com relação à expressão artística de Waldomiro, pode-se afirmar que esta se encontra de acordo com a definição de arte de Mario Schenberg. Para o crítico, a arte é essencialmente um instrumento para a criação de “um processo de ressonância espiritual” entre o artista e o espectador. É um meio de comunicação em que o artista transmite sua experiência e sua percepção para o público.

Desse modo, acredita-se que a estreita correlação entre arte primitiva, intuição e arte ligada à temática social é um elemento que pode ter despertado o interesse de Mario Schenberg em pensar o primitivismo. Como crítico, Schenberg respeita a liberdade do artista Waldomiro de Deus, pois as trocas culturais são positivas e nunca impositivas. Essa simbiose pode ser aplicada a ambos (Schenberg e Waldomiro). O processo estético-comunicacional que se desenvolve entre duas personagens ocorre sem a intervenção do crítico na atividade criativa do artista.

## **Referências bibliográficas**

### **Livros**

- CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade; tradução Heloísa Pezza Cinyrão, Ana Regina Lessa, 2.ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998 - (Ensaio Latino-americanos, 1)
- DEUS, Waldomiro. A vida, Amor e Glória de Waldomiro de Deus (romance), Osasco/SP: Colégio Anglo, 1983.
- FANTINI, Nino. XI Raffegna del mezzagiorno: mito e magia dell colore - pintura neo primitiva del Brasile, Nápole; Castel Dell’ovo, 1982.

GOLDFARB, José Luiz e GUINSBURG, Gita K. (org.) Mario Schenberg: Entre-vistas, São Paulo: Perspectiva, 1984.

GOLDFARB, José Luiz. Diálogos com Mario Schenberg, São Paulo: Nova Stella, 1988.

GOLDFARB, José Luiz. Voar também é com os homens: O pensamento de Mario Schenberg, São Paulo: EDUSP, 1994.

SCHENBERG, Mario. Pensando a arte, São Paulo: Nova Stella, 1988.

### **Artigos**

AUDA, Fernanda Mokdessi. *Arte Primitiva*. In: AJZENBERG, Elza (org.). Mario Schenberg: Documentação, Arte e Ciência, São Paulo: Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes - ECA/USP, 1994, p. 280- 300.

BARBOSA, Conceição Aparecida. *Schenberg e a Intuição*. In: AJZENBERG, Elza (coord.) Mario Schenberg: Documentação, Arte e Ciência, São Paulo: Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes - ECA/USP, 1994, p. 252-279.

SCHENBERG, Mario. *Waldomiro de Deus Souza*, 01.09.1967, Acervo do Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes - ECA/USP, doc. Nº 10.

### **Jornais**

A Tribuna de Minas, Belo Horizonte, 21.out. 1986.

*Arte Primitivava nessa mostra*. A Tribuna, Santos, 31.jul.1970.

*Pintor osasquense é ameaçado de morte por seita religiosa*. O Diário de Osasco, Osasco, nº 908,16.ago.1980.

*Quem é esse pintor, chamado Waldomiro de Deus?* Diário de Osasco, Osasco, 14.mar.1978.

*Um artista ingênuo, mas nem tanto*. Última Hora, Rio de Janeiro, 12.abr.1967.

*Waldomiro apenas. Mas é de Deus*. O Jornal, Osasco, 13 a 20.mai.1981, p. 8.

*Waldomiro de Deus - o Brasil, em Exposição*. A Região, 03.jun.1978.

*Waldomiro virou assunto de Homem*. O Diário, Osasco, 08.jan.1982.

*Waldomiro, o artista que vestiu Nossa Senhora de mini-saia*. Jornal da Bahia, edição especial, Salvador, 08.nov.1976.

### **Catálogos**

AGUILAR, José Roberto. O mundo de Mario Schenberg, São Paulo: Casa das Rosas, 1997.

AYALA, Walmir. Waldomiro de Deus, Rio de Janeiro: Galeria de Arte Jean-Jacques, 1980.

DEUS, Waldomiro de. Waldomiro de Deus: peintre naif bresilien, Osasco/SP, 1970.

-----. Waldomiro de Deus: pinturas, Rio de Janeiro: Galeria Voltaico, 1969.

-----. Waldomiro de Deus, São Paulo: SESC, 1968.

-----. Waldomiro de Deus, Santo André: Tênis Clube de Santo André, 16 a 30 jun. 1983.

-----. Waldomiro de Deus, Piracicaba/SP: Teatro Municipal de Piracicaba, 20 abr. à 06 mai.1978.

-----. Waldomiro de Deus: expõe pinturas, São Paulo: Aliança Francesa, 15.mai.1975.

-----. Waldomiro de Deus, São Bernardo do Campo: Paço Municipal/Pinacoteca, 1982.

-----. Waldomiro de Deus, Osasco: Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de Osasco, 1995.

-----. O mundo misterioso nas pinturas de Waldomiro de Deus, São Paulo: Paço Municipal/Espaço Henfil de Cultura, 23.set.1995.